

DOIS MUNDOS DE ANY FERDINARI

Uma história de superação

Maringá/PR
Patrícia Alves Cardoso
2024



Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998. É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem previa autorização, por escrito, da editora ou do autor.

Patrícia Alves Cardoso

Para Emily Izabely de Amorim

Em memória

A alguns anos veio ao mundo um anjo chamada Emily.

Com gratidão e amor, dedico primeiramente a Deus por ter me dado de presente esse anjinho. E enquanto mãe e professora, me realizo escrevendo este livro.

Querida Emily, obrigada por tudo!

SUMÁRIO

Capítulo I.....	7
A vida simples do interior	
Capítulo II.....	51
As dificuldades na cidade grande	
Capítulo III.....	77
Os desafios do primeiro mundo	
Capítulo IV.....	101
Os desafios do segundo mundo	
Capítulo V.....	123
O encontro dos dois mundos	
Capítulo VI.....	142
O reencontro	

Capítulo I

A VIDA SIMPLES DO INTERIOR

Naquela manhã fria, papai e eu fomos ao curral para alimentar os animais. Me lembro como se fosse hoje, acordamos bem cedo, mamãe preparou um delicioso café que a fumaça desenhava no ar o seu aroma, o pão quentinho e gostoso que acabava de sair do forno de lenha, tudo sobre a mesa, mamãe sempre cuidava dos detalhes não esquecia de nada.

- Any querida acorde seu irmão, ele precisa se levantar para ir à escola. – Disse mamãe lá da cozinha.

- Claro mamãe, vou chama-lo agora mesmo. - Augusto se apreze temos aula hoje. - Vista-se rápido!

Imediatamente Augusto Júnior se levantou e arrumou-se como de costume, tomou seu café, e papai nos levou até a escola que ficava do outro lado do rio. Estava começando a chover, papai estava preocupado em seguir por aquela estrada ao norte do rio, era uma estrada com muito barro e cascalhos a carroça poderia tombar e nos machucar.

Papai lembrou que a fazenda do nosso vizinho o Sr. Manoel era ali perto, um homem rico que mandava na cidade de Ouro Fino sul de Minas Gerais, muito temido e poderoso, veio de Portugal para fazer riqueza na cidade do interior e explorar a mão de obra barata. Papai contava que muitas pessoas foram expulsas daquelas terras pelo Sr. Manoel. Mas, papai sempre dizia que jamais aconteceria isso com a gente, porque tudo o que tínhamos era herança dos seus pais.

- Bom dia! - disse papai ao se aproximar da porteira. - Pode me fazer um favor?

Sr. Manoel ergueu os olhos por baixo do chapéu.

- O que é? - perguntou com ar de arrogância.

- Eu lhe peço que leve meus filhos à escola, está chovendo e tenho medo da carroça virar lá perto do rio, acho que os cavalos não vão aguentar o peso.

-Tudo bem. - Concordou o Sr. Manoel.

- Grazie! Obrigado disse papai. - Amanhã quando o tempo melhorar levarei as crianças à escola.

- Tenha um bom dia! - disse papai, retornando para a casa.

- Pra você também, Sr. Augusto Ferdinari.

Eu e Augusto Júnior nos despedimos de papai, entramos naquele carro confortável que ainda cheirava novo, Lídia estava no banco da frente com o seu pai, sempre muito tímida falava pouco, ela olhou para nós sorrindo e nos disse:

- Bom dia!

Chegando na escola Francisco Pedroso de Alcântara, debaixo de muita chuva. A freira Madelyne estava contando os minutos de atraso.

- Corram crianças - dizia: - a aula começou a 15 minutos, se apremem!

Confesso que não queria muito estudar neste dia, estava com muito frio. Augusto Júnior estava com duas blusas de lá, e eu apenas com a touca vermelha e uma velha blusa branca e fina que vovó havia me dado no dia do meu aniversário. A aula começou com aritmética não tenho muitas habilidades em cálculos, mamãe sempre dizia que era preciso aprender de tudo na escola, porque isso iria nos ajudar se um dia quisermos ser alguém na vida.

Depois da aula veio o intervalo, as freiras estavam preparando a mesa para lancharmos, tudo bem gostoso equentinho. O café cheirava igual da mamãe, adorava ver a fumaça sair da caneca e desenhava no ar o seu

aroma delicioso. Era bom estar ali, tudo era maravilhoso, as salas de aula, o pátio, as professoras, livros organizados nas estantes, enfim, só que algo ainda não estava muito certo, faltava alguma coisa para que tudo se encaixasse perfeitamente.

Voltamos para a sala de aula, quando o sino bateu para terminar a quarta aula de aritmética, fomos para a sala de bordar, a Irmã Madelyne estava nos esperando para dar início a aula. As meninas aprendiam as prendas domésticas, para ajudar em casa. Os meninos ficavam do outro lado da escola, aprendiam outros ofícios.

A escola funcionava de manhã aulas específicas para poder aprender a ler e escrever, e a tarde, aprendíamos alguns ofícios diferentes. Metade da escola era para meninas, e do outro lado do muro era para meninos, tudo separado e cada qual, aprendiam com seus mestres.

Olhei para o relógio já era 11h25 faltava poucos minutos para terminar a aula, o cabeçalho nem tinha sido apagado do quadro negro com a data do dia 06 de julho de 1982. Estava terminando o meu bordado de ponto cruz, e quando errávamos teria que começar tudo novamente, já perdi as contas de quantas vezes espetei o meu dedo naquelas agulhas. Era silêncio o tempo todo, só ouvíamos a voz da Irmã Madelyne, tudo tinha que estar em perfeita concentração.

Do outro lado do corredor, ouvia-se a aula de canto ministrada pela Irmã Carmem, todas as meninas adoravam as aulas de canto, era muito especial participar daquelas aulas tudo era muito mágico, desde o piano a postura que tínhamos que ter ao entrar na sala de canto, até no andar para as nossas carteiras. Não poderia perder um só dia de aula da Irmã Carmem, porque ela nos ensinava a ter postura para andar, caminhar e falar com os mais velhos, aprendíamos a ter bons modos.

O sino ecoava pela escola, era o sinal para irmos embora.

Levantei rapidamente, e guardei os bordados.

- Até amanhã Irmã Madelyne. - Diziam todas as meninas da minha classe.

- Até amanhã meninas, vão com Deus! - dizia a Irmã em voz alta nos corredores.

- Lembrem-se de fazer as vossas orações antes de dormirem.

A Irmã Madelyne sempre nos dizia que a oração deve ser a primeira a ser feita antes de deitarmos e antes de levantarmos pela manhã, agradecer a Deus por mais um dia de vida. Ela sempre dizia que Deus tem que estar em primeiro lugar em tudo que fossemos fazer antes de começar o dia. Papai também sabia das coisas, ele nos ensinava a oração que ele aprendeu na Itália quando ainda era criança, nona ensinava a *“oração do pai*

nosso", e nono a "*oração da virgem de Cassia*" era tradição no país ensinar a oração em Latim, meus avós sempre faziam oração pela manhã e antes deles deitarem agradeciam a Deus, e aos Santos, por ter os guardado por mais um dia.

A chuva passou, o sol estava alto, sentei na beira da calçada esperando o meu irmão Augusto Júnior.

Papai estava atrasado pensei, olhei para o relógio da igreja que ficava ao lado da escola, onde todos os domingos íamos rezar. O padre Malaquias sempre depois do culto entregava umas pequenas jujubas para todas as crianças. A fila era enorme, sem contar que Carlinhos o vizinho perto da nossa casa sempre entrava na fila duas vezes para ganhar mais jujubas, aquele menino não tinha jeito, todos gostavam dele, sempre tinha amigos. Meu irmão sempre dizia que na escola Carlinhos só tirava notas altas, era o orgulho dos professores, Augusto sempre competia com as notas dele, queria ser motivo de orgulho em casa também, se bem que ele conseguia, mas as notas de Carlinhos superava a todos.

A carroça estaciona na frente da igreja como o dê costume, era papai se atrasando novamente. Augusto Júnior chegou bem na hora.

- Olá queridos filhos, papai chegou!

- Papai dizíamos em couro, você se atrasou hoje, o que aconteceu?

- Nada de mais - disse papai um pouco aborrecido - vamos para casa, Aurea já deve estar preocupada.

Mamãe não gostava que papai demorava para pegar a gente na escola, quando ele demorava a nos buscar, o sol já estava longe no horizonte e a noite quase chegando. Papai sempre explicava para mamãe, que as vendas estavam fracas e os comerciantes estavam pagando pouco pelo leite, diziam que o leite das vacas do Sr. Manoel eram os melhores leites da região.

E neste dia não foi diferente, papai voltou triste e explicou que era mais um dia daqueles em que, não conseguia vender todos os leites pelo mesmo valor de antes e a mesma reclamação de sempre, que o leite das vacas do Sr. Manoel eram as melhores da região. Mamãe acalmou papai com um forte abraço.

- Vamos rezar um pouco Augusto, Deus vai nos dar uma solução – ela disse, com os olhos cheios d'água.

Era muita tristeza em seus olhos, mas nunca vi mamãe derramar uma lágrima em nossa frente.

Olhei para Augusto Júnior e disse em voz alta:

- Venha Júnior - vamos pegar um pouco de lenha para aquecer a sala, esta escurecendo.

- Está bem... É, você tem razão - Júnior respondeu.

- Quem chegar por último é a mulher do padre.

Já estava anoitecendo, acendemos a lareira como de costume. Mamãe e papai se levantaram do sofá e foram lá para fora guardar os animais no curral, enquanto eu e

meu irmão recolhemos as galinhas. O tempo havia mudado, olhei para o céu e disse:

- Papai, vai chover precisamos pegar os ovos, o leite e levar a palha para os animais.

- Sim querida - disse papai.

- Vá você e o Júnior pegar os ovos, eu e sua mãe vamos pegar o leite, e logo recolhemos as palhas.

- Rápido! - dizia papai de longe, o tempo virou para chuva novamente.

- Se apremem.

Pegamos todos os ovos que estavam no ninho debaixo das galinhas. Júnior tomava cuidado para não quebrar, porque sabia que se ele quebra-se alguns ovos papai e mamãe ficariam bravos e com certeza haveria uma punição por causa disso.

Lá de longe escutam os trovões e de repente o vento mudou em nossa direção. Corremos o mais rápido, pegamos e guardamos tudo. Porém, papai não havia conseguido guardar Pegasus, o nosso cavalo de estimação.

Corri para ajudá-lo, mamãe gritou:

- Corre Any, segure Pegasus forte pelas correias, e não solte.

Papai veio ao meu encontro, quando de repente um raio caiu em uma das árvores a alguns metros de distância de onde estávamos.

- Andiamo Any: - corra até o curral e abra a porta, vou levar Pegasus agora.

- Sim papai, - disse com medo dos raios fortes que caíam no pasto.

Só que naquele dia, o céu mudou de repente, tudo ficou escuro e silencioso no campo. A chuva apontava com alguns pingos sobre a nossa casa, correremos o mais rápido possível, papai conseguiu guardar Pegasus no curral. Então a chuva caiu.

- *Caspita!* - *Dio Mio!* Essa foi por pouco. Papai dizia aquelas palavras enquanto amarrava Pegasus em um pilar.

Eu olhava papai fazer aquilo todas as vezes que ele guardava o nosso cavalo. Para mim, estar com meu pai era uma felicidade tão grande que meu coração se enchia de orgulho, este é meu pai.

Ficamos ali sentados por algumas horas até que a forte chuva passa-se. Os relâmpagos e raios deixava o céu iluminado e ao mesmo tempo apavorante, mas eu estava com meu pai, podia cair o mundo lá fora, pra mim o mais importante são os momentos preciosos de estar ao seu lado.

- Papai! - disse baixinho - quando criança o Sr. tinha medo de raios e de trovões?

Papai sorria e em seguida deu uma gargalhada bem alto.

- Sim, minha pequena Any. E você está com medo agora?